

**HISTÓRIA, ARQUITETURA E CIDADE: A VIAGEM À EUROPA COMO
ESTUDO NO INÍCIO DO SÉCULO XX | Josianne Francia Cerasoli**

Professora Doutora | Universidade Federal de Uberlândia | Faculdade de Artes,
Filosofia e Ciências Sociais | Instituto de História | Av. João Naves Avilla, 2121,
Bloco 1H, Sala 44, Santa Mônica, 38408-100, Uberlândia, MG, Brasil
E-mail: josiannefc@gmail.com

HISTÓRIA, ARQUITETURA E CIDADE: A VIAGEM À EUROPA COMO ESTUDO NO INÍCIO DO SÉCULO XX¹

INTRODUÇÃO

Desde sua implantação em 1894, a Escola Politécnica de São Paulo assumiu um importante papel na formação de profissionais no país, vários deles estreitamente ligados ao planejamento e à execução de projetos de infraestrutura urbana e edificações, especialmente na cidade e no estado de São Paulo. Voltada para o ensino de engenharia em diversas especialidades, destacou-se tradicionalmente na formação de engenheiros civis, embora a área de arquitetura tenha sido incentivada pela Politécnica desde os primeiros anos por meio do curso de engenheiro-arquiteto e pela presença de alguns arquitetos renomados em seu corpo docente². Nesses cursos, existiu, até a década de 1940, o “Prêmio de viagem ao estrangeiro”: premiava-se anualmente o aluno aprovado com distinção em todas as etapas do curso, oferecendo-lhe uma viagem à Europa com duração de aproximadamente dez meses, custeada pelo governo do Estado de São Paulo.

Além do reconhecimento do mérito por parte da congregação, a viagem tinha o objetivo de complementar a formação desses jovens engenheiros, permitindo-lhes acompanhar como estagiários e visitantes uma série de obras — sobretudo obras públicas e de infraestrutura urbana — em diversos locais do velho continente —, bem como realizar longos percursos por várias cidades na condição de observadores especialmente habilitados³. Na bagagem, levavam o itinerário e a orientação dos professores, pois se considerava que continuavam na condição de estudantes da Politécnica durante a estadia no exterior.

Esse roteiro prévio dependia muito do ramo da engenharia escolhido pelo estudante ao longo do curso, e geralmente servia como um guia inicial, modificado pelas oportunidades e circunstâncias de cada viagem. Mesmo as alterações feitas no percurso a partir de escolhas pessoais dos estudantes eram comunicadas à congregação por meio de correspondências periódicas — procedimento que reafirma a ideia de uma viagem de estudo, de um aperfeiçoamento da educação formal dos engenheiros.

Até a década de 1940, período em que o curso de engenheiro-arquiteto da Politécnica diplomou cerca de 70 profissionais, 4 estudantes desse curso receberam o “Prêmio viagem”. O segundo deles foi Alexandre Albuquerque (1880-1940), diplomado em 1905 e docente da mesma Escola Politécnica a partir de 1917, tornando-se então o primeiro professor egresso desse mesmo curso a ser contratado para a Seção de Artes, cadeira de História da Arquitetura⁴. Na viagem à Europa, em 1906, Albuquerque fez registros sobre as transformações urbanas e as formas arquitetônicas observadas na visita a países como França, Espanha, Portugal, Bélgica, Áustria, Alemanha, Inglaterra e Itália, utilizando-os como fundamento para a dissertação defendida perante seus professores, indicados pela congregação da escola⁵. A viagem fomentou ainda a publicação de alguns estudos e apontamentos: o texto *Impressões da Europa* (conferências realizadas no grêmio da Escola Politécnica de São Paulo e publicadas na *Revista Politécnica* em três partes em 1907), a tese *Estudo do Renascimento Italiano e seu Desenvolvimento* (duas edições em 1909), e o mesmo estudo sobre o Renascimento, embora com alterações pontuais importantes (artigos de 1929 e 1930). Além desse material, é possível ter acesso atualmente à correspondência enviada por ele à Politécnica durante a viagem e a muitos dos livros citados em seus estudos — adquiridos nessa passagem pela Europa —, o que permite analisar alguns temas então muito caros aos profissionais que projetavam intervenções nas cidades: a importância da viagem de formação para o “olhar arquitetônico” sobre a cultura urbana (bem como a circulação dos saberes sobre o urbano); o papel dos saberes eruditos nas leituras e ações sobre a cidade; as tensões entre tradição cultural e evolução técnica; a questão estética no espaço urbano.

SABER, OLHAR, (RE)CONHECER

Dois características destacam a experiência de Albuquerque e justificam a relevância de um estudo sobre a viagem desse arquiteto à Europa: a minúcia dos registros sistematizados e debatidos por ele⁶, aparentemente o único a apresentar aos professores da Politécnica uma tese após o prêmio-viagem (registros que foram publicados e discutidos pelos arquitetos na escola por vários anos, informando outras reflexões sobre arquitetura na época); e a trajetória do profissional, pois a aprovação em concurso e a posterior efetivação no cargo de professor da Politécnica, justamente nas áreas de História da Arquitetura e de Construções Civas, incentivou Albuquerque a revisitar o repertório da viagem, por meio de anotações, reflexões e bibliografia então reunida por ele. A longa permanência do arquiteto na instituição e sua ampla atuação profissional viabilizaram a retomada

desse repertório em diversos momentos, constituindo-o como base para formulações mais gerais sobre as relações entre arquitetura, história e cidade. Embora não seja notório nesses apontamentos advindos da viagem qualquer esforço sistemático de teorização sobre tais relações, é possível concebê-los como uma reflexão teoricamente fundamentada e articulada, afastando-se dos moldes de uma narrativa de um viajante apenas.

Há outro registro de viagem à Europa publicado no mesmo período pelo professor de Albuquerque, o engenheiro e arquiteto alemão Maximilian Emil Hehl (1861-1916), radicado no Brasil desde 1888 e professor da Politécnica desde 1898. Trata-se de um relato sobre sua própria viagem de estudo à Itália para acompanhar o desenvolvimento artístico da época do Renascimento no berço do estilo da renascença. Segundo afirma, trata-se de um estudo relativo à cadeira de História da Arquitetura, justificado por ser “de máxima importância conhecer *de visu* os monumentos das diversas épocas, cujas leis de construção e formas estilísticas governam nossa arquitetura, nosso sentimento estético como construtivo” (Hehl, 1906, p.5). Percorreu as cidades de Verona, Vicenza, Pádua, Veneza, Florença e fez sobre elas considerações a partir de dados históricos (sobretudo marcos políticos), informações sobre obras de arte, além de elementos estéticos e construtivos. Para isso, abordou edificações distintas, geralmente imponentes, analisando a distribuição dos espaços, as características dos estilos arquitetônicos, o valor e os efeitos dos elementos de composição, os aspectos ornamentais e a situação das edificações no espaço das cidades. A narrativa é breve e as considerações são objetivas, conservando o perfil didático como fio condutor inabalável e a convicção na objetividade da descrição, mesmo quando sublinha aquilo que denomina “sentimento estético e construtivo”. Destaca, por exemplo, a respeito de Florença, o notável desenvolvimento do estilo do Renascimento na obra de Brunelleschi (1377-1446), apontando-o como inigualável na construção palacial, devido às proporções monumentais e à distribuição das massas, que, segundo avalia, permitem um “efeito nobre e sério” singular (Hehl, 1906, p.18). Justifica, portanto, com elementos de análise racionais a admiração e o entusiasmo diante das obras visitadas.

Mais breve e espacialmente restrita que a de Albuquerque, a viagem do professor Hehl diferencia-se inclusive nos objetivos — estudo pontual para um, complemento da educação formal para outro —, o que se torna evidente na extensão e densidade desigual das narrativas. A despeito das distâncias, a fim de pontuar certos elementos relevantes nesse tipo de iniciativa, é interessante acompanhar alguns aspectos e princípios que parecem nortear os dois registros dos arquitetos viajantes. A premissa fundamental para ambos está na importância sensível e cognitiva do olhar a fim de compreender a concepção das obras visitadas: “somente pela vista podemos apreciar e tornar a impressão efetiva e permanente”, afirma Hehl (1906, p.24). Albuquerque lamenta, em conferência, logo após seu retorno, a dificuldade ao expor em pálida tinta as impressões da viagem, daquilo que “sentimos ao ver a erudita Europa” (Albuquerque, 1907a, p.183). Outra aproximação está no papel dos conhecimentos prévios como guias seguros das observações: constante-

mente remetem a certa cronologia histórica como referencial para explicar as concepções que regem os espaços descritos, apoiando-se quase que obrigatoriamente em certa linearidade para justificar as mudanças de estilos artísticos e as ênfases das diferentes composições. Prevalece em ambos a ideia de um processo ininterrupto de aperfeiçoamento dos estilos, unido a uma evolução também política e social. Isso norteia as explicações e adjectiva o olhar observador de ambos. Diante das cidades que visitam, conhecem uma nova impressão alcançada pelo contato visual com obras e espaços, mas sem que inicialmente o olhar modifique as informações provenientes da educação formal, pois classificam a nova impressão precisamente de acordo com os conhecimentos prévios. É como se a visão confirmasse o conceito aprendido: conhecem e reconhecem, a um só gesto.

É possível perceber algumas semelhanças entre o tipo de viagem desses arquitetos e o tradicional *grand tour* difundido por artistas e intelectuais ingleses a partir do século XVII, ao mesmo tempo que se pode inferir sobre alguns elementos que interferem nesse conhecer e reconhecer do “turista cultural”. Essas viagens planejadas para complementar e coroar a educação dos jovens de formação privilegiada, sobretudo da Inglaterra e da Alemanha, permitindo-lhes contato direto com monumentos da arte greco-romana, acabam convertidas, na visão de muitos críticos, menos em viagem de descoberta, reveladora de algo novo, e mais em (re)conhecimento, pois os viajantes viam exatamente o que já esperavam encontrar na jornada. Segundo os críticos, toda preparação e leitura prévia que acompanhava a educação desses jovens anteciperia as visões e interpretações sobre a arte e a cultura que buscavam ao percorrer o itinerário, sobretudo pela Itália, devido à forte presença dos elementos tidos como parte da herança clássica. O itinerário envolvia tradicionalmente Paris, Florença, Nápoles, Veneza e Roma (ou ainda Dresden, Viena), e aos poucos passou-se a contar inclusive com roteiros preconcebidos e guias especializados (Salgueiro, 2002).

O repertório de leitura que preparava a viagem também foi importante para modelar o *grand tour*, e aos poucos a ele foram incorporados os relatos de outros viajantes. Mesmo os célebres como Goethe (1749-1832) respeitavam certo cânone entendido como basilar para preparar o “itinerário do olhar”. Levou consigo à Itália (1786-1788), por exemplo, o então conhecido guia *Historisch-kritische Nachrichten von Italien* (1777), de J.J. Volkmann, a importante *História da arte na Antiguidade* (1764), de J.J. Winckelmann, e adquiriu em Pádua a obra do arquiteto Andrea Palladio (1508-1580) para familiarizar-se ao máximo com a arquitetura e os monumentos. É o escritor alemão quem narra em seu livro *Viagem à Itália* a atenção dos italianos ao perceberem seu interesse por Palladio, entre tantos mestres, porque para eles “tinha mais a oferecer em termos de utilidade e aplicação de suas ideias do que o próprio Vitruvius, pois estudara em profundidade os antigos e a Antiguidade” (Goethe, 1999, p.70). Pode-se dizer que uma forma de culto ao antigo se consolidou ao longo do século XVIII, incentivado em parte pelas escavações e descobertas de ruínas, como as cidades de Pompeia e Herculano, e pelas narrativas das viagens que revisitam esses locais, convertidas em espécies de paradigmas para se discutir a antiguidade.

As intenções e os resultados do *grand tour* guardam singularidades se comparados às viagens dos jovens arquitetos, mas há também proximidades, principalmente sob o prisma do respeito a certa herança cultural clássica. A própria organização dos estudos de história da arquitetura e de noções de estética nos cursos para formação de arquitetos acentuava predominantemente uma leitura linear das transformações técnicas e das noções de composição construtiva e decorativa — e mesmo nas concepções de cidade —, sublinhando de modo incisivo a importância da herança cultural da antiguidade greco-romana como constitutiva da cultura no ocidente. É significativo notar a aura de naturalidade que acompanha grande parte dos estudos e compêndios utilizados nesses cursos ao indicarem como imprescindível o (re)conhecimento de ruínas romanas ou gregas na Europa para se compreenderem a arquitetura e a cultura do século XX. A mesma aura, mesclada à leitura linear da suposta evolução arquitetônica, é perceptível nas narrativas de arquitetos sobre o tema, inclusive aquelas dos arquitetos brasileiros aqui exploradas. Deve-se ressaltar que, nesse período, o estudo dos estilos arquitetônicos era predominante entre os tratados e cursos de arquitetura, apoiado muitas vezes em uma cultura histórica marcada fortemente pela noção de progresso/evolução⁷ (Colquhoun, 2004).

Esse conjunto — tradição e progresso — redobrava a atenção dada ao conhecimento da “evolução cultural” na península itálica, em especial a partir do século XIX. Nesse caso, ao lado das ruínas clássicas, um dos construtores e autores mais comentados é o mesmo Palládio, devido a sua releitura da tradição clássica (Choay, 1985). Sobre a arquitetura do Renascimento, por exemplo, Albuquerque (1907b, p.196) afirma não existir qualquer invenção: “[a renascença] inspirou-se no passado e soube harmonizar as linhas de modo a obter um conjunto monumental somente pela proporção”. Para ele e para outros arquitetos contemporâneos, a visita à Itália significava “um passeio pelas regiões elevadas da arte”, abandonando o mundano pelas regiões ideais do belo Albuquerque (1907b, p.194). A justificativa para se priorizar essa especial peregrinação artística se repete em vários arquitetos:

[...] país extraordinário que recebeu a herança de antigas civilizações e soube criar sobre ela outra nova; viu extinguir suas grandezas encobertas por espesso véu que pouco a pouco foi se alçando até que um dia surgiu o brilhante movimento da Renascença das ciências, das letras e das artes [...] (Albuquerque, 1907b, p.194).

Os destinos escolhidos variam, mas pouco nas motivações e no olhar sobre essas cidades. Veneza, Florença e Roma são passagens obrigatórias. Por elas viajou também, por exemplo, o então jovem arquiteto norte-americano Cass Gilbert, no século XIX⁸ (Larson, 2003), tendo deixado também registros sobre sua estadia em Siena, Pisa, Gênova e Milão (mesmas localidades visitadas por Albuquerque, com exceção de Siena, e com acréscimo de Vicenza, Turim, Nápoles, Bolonha e Ravena ao roteiro do arquiteto brasileiro). Ao se entrecruzarem os registros de alguns desses arquitetos, chama atenção a

semelhança em anotações e julgamentos, como se pudessem ver com os mesmos olhos, selecionando aspectos muito próximos, partindo de critérios igualmente similares. Florença e principalmente Veneza são singulares nesse sentido. Dificilmente se deixará de registrar impressões sobre algumas edificações e espaços venezianos, como a Igreja de São Marcos. Gilbert é taxativo ao destacar a concepção do templo como mais brilhante que a Trinity Church de Boston, de H.H. Richardson (1838-1886) (Blodgett, 2001). Hehl (1906, p.12) admira-se diante de seu interior: “é de um efeito deslumbrante, sério por sua simplicidade das formas, majestoso por suas proporções e de um efeito mágico por seus mosaicos”. Albuquerque (1907c) demora-se em descrever o aspecto fantástico proporcionado pelo conjunto da igreja de estilo meio gótico meio bizantino, sem, todavia, existir ali qualquer cópia servil. Repetem-se registros das impressões ante o que é visto e reconhecido, comumente destacando-se a conveniência, a solidez e a expressão das edificações — características que descrevem por meio do detalhamento dos efeitos da proporção e da ornamentação, pela leitura da harmonia entre forma e função, por uma apreciação erudita dos efeitos do belo. É Albuquerque (1909, p.36) quem exprime de modo bastante claro o que informa esse olhar do observador: “a arquitetura é principalmente racional”.

Ademais, diferentemente do *grand tour*, não são principalmente as narrativas de literatos, poetas e artistas, de Stendhal ou Byron, tampouco os diários e guias de viagem do século XVIII que preparam o percurso desses arquitetos, mas filósofos, estudiosos da cultura e os tratados de arquitetura e arte. Albuquerque (1909) vale-se de tratados dos arquitetos Giorgio Vasari, Louis Cloquet, Etienne Barberot, Henry Guédy, Daniel Ramée, entre outros, e pensadores como Voltaire, Hippolyte Taine, Jacob Burckhardt, e mesmo Tolstói, nas reflexões do escritor russo sobre estética⁹. O arquiteto brasileiro apoia-se amplamente em Cloquet, por exemplo, para esclarecer minuciosamente em sua tese sobre o renascimento italiano as três finalidades da arquitetura que deveriam compor a avaliação de cada espaço observado. Segundo o tratadista belga, o edifício deveria ser apropriado ao seu destino, física e moralmente, apresentar solidez estrutural e moral, e ainda expressar-se completamente como monumento artístico; na apreensão desse conjunto, portanto, entende como necessário o cultivo do observador, ou seja, concebe o sentimento do belo como cultivável, e não absoluto. É interessante notar que o *Traité d'Architecture* (publicado entre 1898-1901 em cinco volumes) de Cloquet era o livro-texto no curso de arquitetura da Politécnica paulista — e suas concepções eram debatidas pelos professores de Albuquerque, como Ramos de Azevedo (Carvalho, 2000) —, além de compor o acervo da biblioteca da escola desde sua fundação.

SABERES ERUDITOS E A “QUESTÃO URBANA”

*“Pouco a pouco, uma ideia geral desta cidade
vai surgindo em minha alma”* (Goethe, 1999, p.153).

Há diferenças de tonalidade nos registros: mais literária dos viajantes em geral, mais filosófica e predominantemente analítica ou técnica dos arquitetos viajantes; mas sem

contrastes excessivos. O aparato cultural mais amplo que orienta tais tonalidades permitia várias aproximações, considerando, sobretudo, as circunstâncias históricas de sua composição. Entrelaçam-se as leituras, em sentido estrito e figurado. Especialmente quando voltam o olhar para a cidade, ampliando o horizonte de observação, literatos, poetas, intelectuais das mais variadas linhagens aproximam suas leituras, a partir do século XIX. O arranjo das ruas e o movimento dos cidadãos no espaço por vezes roubam a atenção aos monumentos da tradição. Nessa ampliação do horizonte, no caso específico dos engenheiros-arquitetos, a “viagem de formação” adquiria uma importância singular devido às características dessa área de atuação na passagem do século XIX para o XX. O ensino de arquitetura oscilava entre as questões estruturais, ligadas às edificações, as conceituais, relacionadas à noção de projeto e à salubridade urbana, e as artísticas, relativas às chamadas belas artes, à estética etc.

Operam-se, aparentemente, nesse momento, alguns deslocamentos no olhar, motivados talvez pela novidade e pelo caráter inesperado do que se vislumbra. As descrições são invadidas pelas ruas, pela aglomeração e movimento incessante de pessoas, pelos equipamentos urbanos e meios de transporte. Ferrovias, *omnibus*, *bonds*, metropolitanos se misturam a narrativas líricas e apontamentos estéticos, sublinhando mesmo timidamente o lugar da funcionalidade nesses espaços — desconhecidos espaços. Hippolyte Taine (1828-1893), por exemplo, autor frequentemente seguido por Albuquerque em seu *Philosophie de l'art* (1880) e nos três volumes do *Voyage en Italie* (1866), registra atentamente os entreatos desagradáveis de sua viagem à Itália, iniciada em 1865. Percorre Roma, Perugia, Siena, Florença, Pisa, Pádua e Veneza, destacando a expressão cultural que testemunha nesses lugares — teatros, praças, palácios, igrejas, obras de arte — e não deixa de anotar também o odor das ruas, os contrastes da paisagem e edificações etc. Ao entrar em Roma, fala de “ruelas repugnantes”, qualquer uma delas com “cinco pés de largura”, nas quais “o sol não chega jamais” e a “lama é pegajosa”, em contraste com a admiração diante da *Piazza del Popolo* “com suas igrejas, seus obeliscos, suas fontes, com a escada monumental do Pincio, é singular e bela” (Taine, 1990, p.190). Apontamentos como esse, pautados pelo contraste, são recorrentes e não passam despercebidos quando então se amplia o ângulo de observação.

Depois de percorrer 16 611 quilômetros de estradas de ferro através de onze países, afirma Albuquerque (1907a, p.182): “nosso espírito sentiu toda gama de sensações”. À semelhança de Cass Gilbert, Albuquerque também revela patente desapontamento ao desembarcar na velha Europa. O arquiteto norte-americano não gostou da *city* de Londres ao conhecê-la em 1880 (Blodgett, 2001), tampouco Albuquerque (1907a, p.186) ao descrever a primeira passagem pelas margens do Tamisa, pela *Regent Street*, pelo *Piccadilly-Circus*: “Quanta ilusão desfeita! Por toda parte, egoísmo conduzido pela hipocrisia. É a pátria dos extremos: virtude e vício; altruísmo e egoísmo; riqueza e miséria; abundância e fome... tudo gira em dança macabra”! Embora muitos autores tenham descrito, com sin-

gular importância, cidades britânicas pelo prisma de certo espanto mesclado à admiração diante dos efeitos do capital nessas regiões (inclusive Engels e Tocqueville, entre outros), busca-se destacar esse deslocamento do olhar, exposto reiteradamente no período. Os registros sobre as ruas em movimento provocam certas impressões que por um momento substituem o apaziguador (re)conhecimento dos monumentos artísticos no velho continente. Para os arquitetos, essa impressão nova é fundamental na configuração de uma sensibilidade urbana mais complexa, mediada por um saber erudito que aos poucos se tornará bastante específico, além de exigido em seu campo de atuação.

Voltando aos apontamentos de Albuquerque (1907a, p.187) na Itália, agora em Nápoles: “metrópole da raça latina”, segundo ele. De imediato, cita a *Voyage de Taine* para concordar com o impacto da vivacidade do lugar que “agrada a todos os homens, coração e sentidos”, mas logo opõe sua leitura das ruas antigas da cidade, como a via Toledo: “aí teremos triste espetáculo a assistir”. As observações dizem respeito essencialmente à insolação: viela de três a quatro metros de largura com casas altas e janelas com balcões resultam nesse quadro preocupante para o arquiteto: “nenhum raio de sol vem aquecer as lages do passeio”(Albuquerque, 1907a, p.190). A questão da incidência de raios solares mereceria, na década seguinte, vários estudos do arquiteto sobre a higiene e a salubridade do espaço urbano. Os preceitos sanitários que nortearam seu olhar e o preocuparam em Nápoles são similares àqueles que se converteram, anos mais tarde, na regulamentação técnica normatizadora das edificações na cidade de São Paulo, por meio de instrumentos legais, como o Código de Obras. São bastante significativas, nesse sentido, as observações do jovem arquiteto sobre a largura das ruas e a posição das janelas nas cidades europeias, pela iminência dos preceitos sanitários mobilizados nesse olhar.

Sem dúvida, é a mesma Nápoles de Goethe, alegre, livre, animada, revisitada também por Taine, mas nas notas de Albuquerque (1907a, p.190) aparece perpassada pela preocupação sanitária: “a higiene pública só existe nos lugares onde passa o carro de Sua Majestade o Rei, e nos grandes passeios destinados ao estrangeiro. Além, a negação completa do conforto humano”. Ao lado dessa questão, Albuquerque (1907a, p.190) ainda se espanta com a ocupação intensa da rua pelo napolitano, descrevendo a variedade de atividades feitas na rua por carpinteiros, ferreiros, lavadeiras etc. “A rua é a casa do napolitano”. Nesse ponto, não se nota qualquer apreciação estética positiva, qualquer avaliação do uso das proporções e de efeitos de composição. Pode-se dizer que a sensibilidade do engenheiro se sobrepôs à do arquiteto diante desse quadro ou, de outro modo, talvez de uma generalização muito arriscada, pode-se dizer que a apreensão da arquitetura sobre a cidade se altera nessa circunstância. Seja como for, é notória a presença de um elemento tensionador, ainda mais evidenciado quando Albuquerque (1907a, p.191) opõe a essa metrópole latina a organização das cidades ao norte, onde o engenheiro é para ele “um constante amigo das populações, trabalhando para melhorar as condições de vida nas grandes cidades, eliminando os focos de moléstias e evitando a propagação destas”.

Albuquerque (1907a) explora nesse quadro vários elementos relativos à organização do espaço e da vida urbana, deixando de lado por algum tempo suas preocupações estéticas estritas. Na verdade, é perceptível a incorporação dos preceitos sanitários, de conforto e higiene urbana, junto aos princípios de funcionalidade e eficiência, compondo e ampliando as preocupações estéticas do engenheiro-arquiteto. Em relação a outras cidades, também analisa a questão dos meios de transporte, e em Nápoles novamente se preocupa diante do que entende como deficiência dos transportes públicos urbanos a baixo preço: “o transporte comum é o *omnibus*, grande carroção de dois andares que por sobre os calçamentos leva aos trombulhões o corpo do pobre passageiro”. Elogia, por outro lado, os bondes elétricos subterrâneos (metropolitanos), “realmente um dos mais belos empreendimentos do engenho humano, mas que ainda não apresentam todas as condições de segurança ao passageiro” Albuquerque (1907a, p.192), alerta. Dois anos mais tarde, expondo suas teses à congregação da Politécnica, Albuquerque (1909) ainda destaca a ampliação das áreas de atuação do arquiteto diante das novas aplicações do ferro e do cimento, além das novas possibilidades para aperfeiçoamento da infraestrutura urbana. Para ele, com isso se amplia o espaço para um novo perfil de profissional — capaz de aliar gosto artístico e conhecimento científico —, o engenheiro-arquiteto, preparado para atender às demandas contemporâneas: palácios de exposições, estações de estradas de ferro, viadutos de grande vão etc.

Reflexões como essas repercutiram em vários campos de atuação desse profissional, além dos seus escritos sobre formas arquitetônicas e urbanas, elaborados ao longo de sua trajetória profissional, e sua atuação como docente de História da Arquitetura e Artes¹⁰. Alguns anos depois de retornar da viagem, em 1911, projeta e defende reformas para o centro da cidade de São Paulo, reelaborando elementos de composição estética e funcionalidade a fim de solucionar problemas que já dificultavam o movimento de pessoas e mercadorias na capital paulista. Embora não tenha sido executado, o projeto contribuiu para colocar em debate a questão urbana em São Paulo, tanto quanto em Nápoles, Roma ou Veneza, visitadas pelo olhar erudito do arquiteto. Também em seus primeiros escritos sobre arquitetura retoma reiteradamente as interpretações sobre o lugar privilegiado dos estilos da renascença nas edificações europeias. Entende que a constante homenagem ao Renascimento em pleno século XX — época com aspirações muito diferentes daquela —, contribuiu para a formação da arquitetura eclética que observou na Europa. Para o jovem arquiteto, o Renascimento não era mais satisfatório, e assegura: “virá uma nova era de Arquitetura universal, em que o estilo do ferro e do cimento armado terá vitoriosa preferência” (Albuquerque, 1909, p.65). Mais que uma interessante antecipação do futuro quadro da arquitetura no início do século XX, Albuquerque (1909) reafirma nessa avaliação conclusiva os princípios que o acompanharam ao longo de sua trajetória, sublinhando a interpretação evolutiva da história das artes e da arquitetura, regida sempre pela mesma lei do progresso, bem como a necessária harmonia entre técnica e

beleza, entre arte e ciência. Não são princípios singulares ou pessoais, mas concepções discutidas amplamente pelos arquitetos em suas reflexões, sobretudo nos amplos debates alimentados pelas vanguardas modernas — certamente outro capítulo a se visitar como desdobramento imaginado para este estudo sobre o papel dos saberes eruditos nas leituras e ações sobre a cidade.

NOTAS

1. Uma versão ligeiramente modificada deste estudo foi debatida na 14th *International Planning History Society*, em 2010.
2. Os primeiros cursos na época da implantação da Politécnica diplomavam: engenheiros civis, engenheiros mecânicos, engenheiros industriais, engenheiros-geógrafos, engenheiros-agrônomo e engenheiros-arquitetos.
3. Até 1937, receberam o prêmio 19 profissionais: 13 engenheiros civis, 2 engenheiros eletricitas e 4 engenheiros-arquitetos: João Moreira Maciel (1899), Alexandre Albuquerque (1905), Alberto Monteiro de Carvalho e Silva (1909), Carlos Lodi (1933).
4. Na verdade, Hipolyto Gustavo Pujol Júnior formou-se engenheiro civil e engenheiro-arquiteto em 1905 e foi o primeiro egresso a se tornar docente na Politécnica de São Paulo, mas no curso de engenharia civil, especializando-se em resistência de materiais.
5. Banca avaliativa constituída por seus professores: F. P. Ramos de Azevedo, José Brant de Carvalho e Maximilian Hehl.
6. Vários livros adquiridos por ele nessa primeira viagem estão identificados em sua biblioteca, atualmente sob os cuidados da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP) — sede da rua Maranhão.
7. Sobre a importância do classicismo, referencio-me nas incontornáveis reflexões de Colquhoun (2004), que identifica duas formas de apropriação da história nas artes, nas noções de imitação e de processo.
8. Cass Gilbert (1859-1934) foi presidente do *American Institute of Architects* e responsável por diversos edifícios públicos e privados em New York, Minnesota etc., entre eles o edifício da Suprema Corte em Washington (DC).
9. Albuquerque utiliza largamente a edição francesa de Tolstoi, *Qu'est-ce que l'art?*, de 1903 (volume encontrado na biblioteca pessoal do arquiteto). Quase todas essas obras encontram-se em sua biblioteca e são referenciadas em seus cursos na Politécnica.
10. Vale ressaltar ainda que grande parte dos princípios pautados nos textos aqui explorados foram retomado por Albuquerque ao final de sua carreira, quando sintetizou vários anos de trabalho como docente na Escola Politécnica no compêndio *Construções Civis*, publicado em 1942 e até tempos recentes utilizado como referência para estudantes de arquitetura e engenharia no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, A. Impressões da Europa. *Revista Polytechnica*, v.15, p.182-198, 1907a.
- ALBUQUERQUE, A. Impressões da Europa. *Revista Polytechnica*, v.16, p.267-283, 1907b.
- ALBUQUERQUE, A. Impressões da Europa. *Revista Polytechnica*, v.17, p.315-334, 1907c.
- ALBUQUERQUE, A. *Estudo do Renascimento italiano e seu desenvolvimento*. São Paulo: Typographia Brasil de Rothschild, 1909.
- BLODGETT, G. *Cass Gilbert: the early years*. St. Paul, MN: Minnesota HS Press, 2001.
- CARVALHO, M.C.W. *Ramos de Azevedo*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- CHOAY, F. *A Regra e o modelo: sobre a teoria da arquitetura e do urbanismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- COLQUHOUN, A. *Modernidade e tradição clássica: ensaios sobre arquitetura 1980-1987*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- GOETHE, J.W. *Viagem à Itália 1786-1788*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- HEHL, M.E. Viagem de instrução à Itália: consideração histórica arquitetônica. In: ANNUARIO DA ESCOLA POLYTECNICA DE S. PAULO PARA O ANNO DE 1906. São Paulo: Tyographia do Diario Official, 1906. p.3-24.
- LARSON, P.C. *Cass Gilbert abroad: the young architect's European tour*. Afton-MN: Afton HS Press, 2003.
- SALGUEIRO, V. *Grad Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura*. *Revista Brasileira de História*, v.22, n.44, p.289-310, 2002.
- TAYNE, H. *Voyage en Italie*. Bruxelas: Complexe, 1990.

RESUMO

Neste artigo, são exploradas interpretações e repercussões das notas de viagem do arquiteto brasileiro Alexandre Albuquerque nos vários campos de atuação dos profissionais da cidade no início do século XX. Premiado pela Escola Politécnica de São Paulo com uma estadia para estudos na Europa em 1906, o recém-diplomado Albuquerque elabora registros e reflexões sobre as transformações urbanas e as formas arquitetônicas observadas na visita a países como França, Bélgica, Áustria, Alemanha, Inglaterra e Itália, e, ao retornar ao Brasil, divulga sobre a viagem vários estudos com os quais dialoga por vários anos em sua atuação profissional e em outros escritos. Debatidos amplamente em São Paulo na época, estudos desse tipo foram entendidos como fundamentais para complementar a educação formal dos arquitetos e acabam interferindo, diretamente ou não, nos projetos de obras para edificações e em planos urbanísticos, nas atividades ligadas ao ensino formal de história da arquitetura e artes, e também especificamente nos apontamentos teóricos sobre arquitetura. Portanto, esta investigação tem como objetivo contribuir para a compreensão da importância das viagens de estudo e do papel da história da arquitetura europeia na escolha e na composição dos repertórios arquitetônicos no espaço urbano no início do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Alexandre Albuquerque. Arquitetura (história). Viagens de formação.

HISTORY, ARCHITECTURE AND THE CITY: A TRIP TO EUROPE AS AN EARLY 20TH CENTURY STUDY

ABSTRACT

This paper explores the interpretations and repercussions of the traveling notes made by the Brazilian architect Alexandre Albuquerque about several city-based professional fields in the beginning of the 20th century. Awarded by the Polytechnic School of São Paulo, Brazil [Escola Politécnica de São Paulo] with a study period in Europe in 1906, the just-graduated Albuquerque prepared records and reflections about the urban transformations and architectural forms he observed while visiting countries such as France, Belgium, Austria, Germany, England and Italy, and upon his return to Brazil, published several studies about the trip – studies he cites for many years in his career and in other papers. Widely discussed in São Paulo at the time, this kind of study was considered fundamental to complement architects' formal education, and ended up interfering, directly or indirectly, in the designs for buildings and urban planning, in the formal teaching of Architecture and Art History, and also, specifically in theoretical notes about architecture. Therefore, this investigation aims to contribute to our understanding of the importance of the study trips and the role of European Architecture History in the choice and composition of the architectural repertoires in early 20th century urban spaces.

KEYWORDS: Alexandre Albuquerque. Architecture (history). Study trips.